

visto no exemplo do trecho (38), em que se dava primeiro uma assertiva e em seguida a R da assertiva na forma indagativa, para sugerir desaprovação. Quando temos uma P-R, como nas linhas 4 e 5 de (47), dá-se um caso normal de colaboração, ao passo que uma A-P (como em 38) sugere dúvida, revide ou contestação sob o ponto de vista interacional. Este é um aspecto importante numa gramática ilocutória da fala. O par das linhas 16-17 acima mostra um caso de polidez/atenção, evidenciado na incorporação de uma sugestão que era uma simples paráfrase da formulação proposta em sobreposição.

Como se constata, as Rs interacionais trabalham na linha das relações interpessoais e contribuem de forma decisiva para um envolvimento maior nas atividades formulativas e no processamento textual-discursivo. As linhas 18 a 25 no exemplo (47) são esclarecedoras deste aspecto. Por outro lado, essas Rs se apresentam com formatos diferenciados em momentos característicos, tais como em tomadas de turno, conclusão de unidades ou de turnos, em pares adjacentes e correções, entre outras.

4. Considerações finais

A *repetição*, como um fenômeno resultante das condições de produção local ou *on-line*, estabelece-se como uma estratégia de processamento regular e sistemática, situável entre as estratégias básicas de formulação da fala. O texto assim produzido não é planejado globalmente e reflete as condições de produção ligadas ao tempo real.

Quanto às suas funções, a repetição tem na coesividade e condução do tópico sua presença mais freqüente e sistemática; já as funções de argumentatividade e interação têm uma presença mais variada. Com isso, a repetição constitui-se numa estratégia valiosa para o processo textual-interativo, seja na sua contribuição para o processamento informacional, seja na preservação da funcionalidade comunicativa.

CORREÇÃO

Leonor Lopes Fávero
Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Zilda Gaspar Oliveira de Aquino*

Preliminares

Neste capítulo investiga-se a correção como uma das estratégias de construção do texto falado.

O *corpus* engloba as três modalidades de Inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), alguns previstos como *corpus* básico estabelecido para o PGP (Projeto de Gramática do Português Falado), e conversações espontâneas, coletadas em situações e contextos variados. As gravações espontâneas não utilizaram videocetepe, já que não se considerou a configuração não-verbal (gestos, mímica e outros).

A escolha das três modalidades deveu-se ao fato de que se julgava possível encontrar uma freqüência significativa de casos de correção nos Inquéritos em que há maior convergência de situação menos formal e maior troca de turnos. De fato, esses dados repercutem na formulação do texto: quanto maior a troca de turnos, isto é, a dialogicidade, menor a formalidade e maior o número de correções encontrado, revelando, claramente, nas marcas deixadas no texto, o *processo de co-autoria*.¹

Considerando a correlação entre dialogicidade e formalidade numa escala respectivamente decrescente/crescente, foram analisados:

- Diálogos entre Dois Informantes (D2): SP 360, SP 396 e REC 05;
- Diálogos entre Informante e Documentador (DID): SP 234, REC 131 e RJ 328;
- Elocuções Formais (EF): SP 405, SP 377 e RJ 379.

* Universidade de São Paulo.

¹ Ver parte 1, cap. 1.

Neles foram localizadas 75 correções (o que mostra ser a correção uma estratégia bastante presente no texto falado), assim distribuídas:

D2	32
DID	28
EF	15

1. A correção enquanto atividade de formulação

O locutor que produz um enunciado não elabora somente uma seqüência verbal, mas realiza uma atividade intencional: formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto. "Formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo" (Antos, 1982, p. 92), e o esforço que o locutor faz para produzir um enunciado se manifesta por traços que ele deixa em seu discurso; isto é, formular um texto não significa simplesmente deixar ao interlocutor a tarefa da compreensão, mas significa deixar, através das marcas, pistas para que ele, interlocutor, se esforce por compreendê-lo, o que faz com que a produção do texto falado seja ação e interação. "A compreensão nunca se realiza na perspectiva de um dos interlocutores. É preciso que a ação de ambos convirja para que ela ocorra" (Hilgert, 1989, p. 147).

Partindo dessa concepção, é possível observar as atividades de processamento textual, nas quais não há evidência de "problemas" de formulação e linearização, e um outro tipo em que há evidência de "problemas" de formulação e é preciso resolvê-los.

As atividades que indiciam "problemas" são constituídas por:

- hesitações*,² quando o "problema" é captado durante sua formulação/linearização, isto é, *on-line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois;
- correções* e alguns tipos de *paráfrases e repetições*,³ denominados por Gülich e Kotschi (1987b) de *refrasagens*: repetição de uma estrutura léxico-gramatical,

² Ver parte 1, cap. 2.I.

³ Ver parte 3, cap. 6 ("Repetição") e cap. 8 ("Parafaseamento").

quando o "problema" é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação (*re + formulare* = formular de novo). Essas reformulações apresentam um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior. Vejam-se os exemplos:

(1)

L1 - ... não tem ainda assim muita:: ... *é uma ... um objetivo* a atingir sabe?
(SP D2 360: 1.290-92)

(2)

L2 - depois disso ainda *tive problemas de ... saúde problemas de tiróide* não sei que::
(SP D2 360: 75-76)

(3)

L1 - a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça *jornalista ...*
L2 - *poetisa*
L1 - *poetisa ...*
(SP D2 333: 622-25)

Em (1), L1, seguindo o curso normal da formulação, depara-se com um problema de formulação/linearização, o de encontrar a palavra adequada para dar seqüência ao seu turno. Materializa o problema por meio de hesitações (alongamento vocálico em *muita::*, expressão hesitativa *é* e pausas após *muita:: ... e uma ...*) e, ao achar a palavra adequada, modifica o determinante: *um objetivo*.

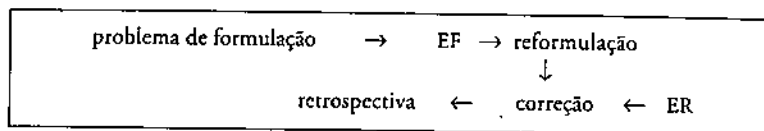
Em (2), a locutora julga importante explicitar *problema de saúde*, reduzindo a abrangência do enunciado-fonte (*problema de tiróide*), criando uma paráfrase.

Em (3), L2 corrige L1 — jornalista *versus* poetisa —, e esta, no terceiro turno, acata a sugestão de L2, instaurando uma correção.

A correção desempenha papel considerável entre os processos de construção do texto, como demonstra o número elevado de correções encontradas nos Inquéritos analisados.

2. Conceituação e propriedades identificadoras

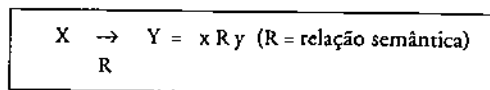
Corrigir é produzir um enunciado lingüístico (enunciado-reformulado — ER) que reformula um anterior (enunciado-fonte — EF), considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores. A correção é, assim, um claro processo de formulação retrospectiva:



Veja-se o exemplo a seguir, em que L1 percebe um problema de formulação no enunciado de L2 (*meu genro*), sugere uma reformulação (*seu genro não seu cunhado*) e L2, aceitando, processa a correção:

- (4)
 L2 – a filha do Osvaldo ... nesse tempo *meu genro era* ...
 L1 – ()
 [
 L2 – vereador parece
 L1 – *seu genro não seu cunhado*
 [
 L2 – meu meu cunhado que já morreu que foi vereador
 (SP D2 396: 1.510-14)

O enunciado X (*meu genro*) é reformulado, corrigido por um enunciado Y (*seu cunhado*) com a finalidade de garantir a interação, podendo-se depreender o seguinte esquema:



É necessário salientar que a paráfrase e a refrasagem (= quase repetição) têm também a função de assegurar a intercompreensão, porém “elas se diferenciam pela natureza da relação semântica (R) que liga o enunciado reformulado (Y) ao enunciado fonte (X) e pelos marcadores de reformulação” (Gülich e Kotschi, 1987b, p. 43).

Na paráfrase há uma relação de equivalência semântica, na refrasagem, de sinonímia denotativa e na correção, de contraste, entendendo-se essas relações no sentido que lhes dá a semântica estrutural (Lyons, 1977).⁴

- (5)
 L1 – temos o caso por exemplo aqui do nosso sindicato ... que recentemente construiu ... *uma sede* ... *um edifício de quatro pavimentos* ... edifício moderno
 (REC DID 131: 65-68)

- (6)
 L2 – depois o café:: em casa o café *é muito demorado* ... *muito complicado*
 (SP D2 360: 311-12)

- (7)
 L1 – agora *tem* sempre ...
 L2 – um já ajuda o outro
 L1 – numa família grande *há* sempre um com tarefa de supervisor ... por instinto não é por obrigação ...
 (SP D2 360: 188-91)

Em (5), L1 mantém a mesma dimensão semântica, ao formular *sede* e *edifício*, instaurando-se uma paráfrase. Em (6), há uma relação de sinonímia, instituída no texto, efetivando uma refrasagem. Em (7), L1 emprega o verbo *ter* no sentido de *haver* (*agora tem sempre* ...) e, após o turno de L2, reformula seu enunciado com o verbo *haver* (*numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor* ...), efetuando uma correção. Nesse caso, trata-se de um contraste entre o uso culto e o coloquial do verbo *ter*, em que este deixa de significar *possuir* e passa à acepção de *existir*, ocupando, assim, o lugar de *haver*. Nesse Inquérito, observa-se uma preocupação de L1 em empregar a norma culta, visto estar ciente de quem é seu interlocutor (falante culto). O enfoque, então, é interacional, já que, ao reformular seu enunciado, L1 preserva sua imagem diante de L2.

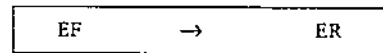
⁴ Lyons (1977, p. 279) não faz distinção entre oposição — que opera no eixo paradigmático — e contraste — que opera no eixo sintagmático. Usa contraste como denominação geral. Visto que a correção envolve ambas as relações, adotamos a denominação de relação semântica de contraste (cf. Gülich e Kotschi, 1987b, p. 43).

Na perspectiva textual-interativa,⁵ merece ser incluído o aspecto pragmático-interacional, pois em muitos casos ele se coloca como elemento norteador para que se efetive a reformulação, como se observou em (7).

Comumente se considera a correção um mecanismo que repara infrações a regras conversacionais (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), porém a visão aqui proposta é mais ampla, já que se considera o papel da correção na construção do sentido do texto.

2.1 Correção e paráfrase

Algumas vezes são tênues os limites entre *paráfrase*⁶ e correção, e certos casos podem ser considerados — como já assinalou Barros (1993) — tanto paráfrases como correções. A delimitação entre paráfrase e correção é considerada difícil por alguns autores (Gülich e Kotschi, 1987b), porque na correção o “erro” não é necessariamente erro, mas assim é considerado e, como tal, é substituído por um outro termo. Daí resulta para a correção a mesma estrutura básica da paráfrase, já que ambas são atividades de reformulação de algo já dito:



Embora em algumas ocorrências de processo de reformulação não se evidenciem limites entre correção e paráfrase, é importante destacar que se trata de duas estratégias diferentes, usadas com propósitos comunicativos diversos: enquanto na correção os interlocutores pretendem apagar o enunciado-fonte (EF) por considerá-lo inadequado no processamento da fala, substituindo-o pelo enunciado-reformulador (ER), na paráfrase o EF constitui-se como matriz para movimentos semânticos de especificação ou generalização, expressos pelo ER, que determinam uma progressão textual, gerando novos sentidos.

Além disso, a equivalência semântica entre EF e ER é condição necessária para que haja paráfrase, ao passo que na correção pode eventualmente haver algum ponto de contato entre EF e ER.

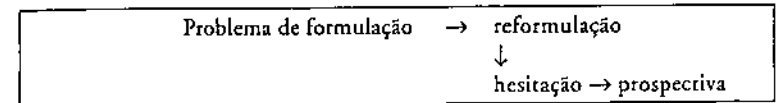
⁵ Ver “Introdução”.

⁶ Ver parte 3, cap. 8.

2.2 Correção e hesitação

Após o exame dos limites entre paráfrase e correção, torna-se necessário observar diferenças entre correção e *hesitação*,⁷ já que ambas são atividades que sinalizam “problemas” de formulação.

A hesitação difere da correção porque esta, como já dissemos, representa uma solução a um dado problema de formulação retrospectiva, enquanto a hesitação é produzida prospectivamente.



Um critério de distinção entre hesitação e correção é o que diz respeito ao estágio de desenvolvimento da formulação/reformulação textual. Nos casos de ocorrência de hesitação, detecta-se uma interrupção no fluxo informacional, devido a uma dificuldade de seleção de um ou mais termos do enunciado, resultando um enunciado ainda não concluído do ponto de vista da organização sintagmática. Por outro lado, instaura-se uma correção num ponto em que uma seleção inadequada já se efetivou, isto é, o enunciado é concluído do ponto de vista sintagmático, mas é necessário reformulá-lo, por motivos já expostos.

Desse modo, casos como os dos exemplos (8) e (9) são considerados hesitações e não correções.

(8)
L2 – é ... *esses esses progressos* ... houve isso houve muito progresso
(SP D2 333: 379-80)

(9)
Inf. – tendo ... em vista os elevados custos ... que nós ... habitualmente verificamos ... quando se trata por exemplo *de uma ... de um proquer dizer de um problema de internação ... hospitalar* por exemplo
(REC DID 131: 15-17)

Exemplos como estes revelam o que já foi apontado por Koch e Oesterreicher (1990, p. 60): “em todas as línguas existem procedimentos e elemen-

⁷ Ver parte 1, cap. 2.1.

tos que permitem introduzir no interior do discurso o próprio processo de formulação tão logo surgem dificuldades de formulação na 'prospectiva', o que dá tempo e facilita a compreensão".

3. Tipos

Há dois tipos de correção:

- a) a *infirmiação* (do latim *infirmare* = anular, revogar, invalidar);
- b) a *retificação* (do latim *rectificare* = que segue sempre a mesma direção).⁸

Consideremos os exemplos:

(10)
Inf. – ... então como eu ia explicando ... no início do *século vinte* ou *melhor no século dezenove* ... só existiam ... a Europa e a ... Ásia ... bom ... formadas ... por culturas diferentes ... atravessando situações históricas de feudalismo diferentes ...
(RJ EF 379: 45-47)

(11)
L1 – então eu tenho impressão de que quando o menor ... já: estiver assim ... pela *quarta série terceira quarta série* ... ele já estará mais independente e::
(SP D2 360: 1.225-28)

No exemplo (10), a locutora, professora, explica em aula sobre geografia econômica como se deu a industrialização japonesa. Ao afirmar que, no século XX, só existiam a Europa e a Ásia, imediatamente anula *no século vinte*, corrigindo-o para *século dezenove*. Trata-se de uma infirmação.

Já no exemplo (11), L1 corrige parcialmente o enunciado-fonte, alargando-o: *terceira quarta série*. Trata-se de uma retificação.

A diferença entre infirmação e retificação pode ser observada também em trechos de conversações espontâneas, como:

(12)
L1 – você mora em São Paulo hein?

⁸ Esta é a terminologia adotada por Charolles (1987).

L2 – em São Paulo *não ... na periferia*

(Conversação espontânea 1)

(13)

L1 – você mora agora em São Paulo hein?

L2 – *finalmente ... na periferia*

(Conversação espontânea 1)

Supondo-se um contexto em que o *status* de morar ou não na periferia seja decisivo, observa-se que em (12) ER substitui EF (infirmiação) e em (13) não há anulação "da verdade" do enunciado-fonte (retificação); trata-se de uma reformulação não-infirmadora, podendo-se, inclusive, introduzir um *sim* (Charolles, 1987):

(13 a)

L1 – você mora agora em São Paulo hein?

L2 – *sim... finalmente... na periferia*

4. Aspectos lingüísticos e enunciativos

Considerando esses dois tipos de correção, cabe-nos agora examinar os aspectos lingüísticos e enunciativos encontrados nos Inquéritos analisados. Lembramos que tal divisão ocorreu somente por uma questão metodológica, já que esses aspectos se encontram integrados na construção textual.

4.1 Aspectos lingüísticos

4.1.1 Fonético-fonológico: em que se observa uma correção de pronúncia ou de articulação

(14)

Inf. – evidentemente que a democracia para a democracia *plana plena* ... esta nunca existiu

(REC DID 131: 494-95)

Esse foi o caso menos freqüente no *corpus*: há somente nove ocorrências. Explica-se pelo fato de ser o *corpus* do Projeto NURC constituído de gravações de norma urbana culta, em que os falantes têm nível universitário e conhe-

cem a “boa pronúncia”, pouco “errando”; assim, os casos encontrados são relativos à correção da articulação.

4.1.2 Lexical: em que a seleção léxica não era a pretendida e há uma substituição

(15)

L2 – e eu poder trazer para casa porque aí eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora preciso interromper no meio de um negócio para:: ... levar um ao banheiro para dar uma comida para outro:: ... e as coisas de casa que a gente aten/tem que atender normalmente com crianças BRÍgas que a gente tem que *repartir*

L1 – [apartar

L2 – tem que *apartar*:: isso toda hora ... mas:: aí

(SP D2 360: 486-94)

(16)

L2 – vovó tinha um:: *um sírio um turco* ... que ele vinha trazer em casa para ela (a sacola)

()

(SP D2 396: 757-59)

4.1.3 Morfossintático: quando a concordância, a regência etc. são mal formuladas (má-formação da frase)

(17)

L2 – ele já ia à escola da manhã *que eu comecei quando eu comecei a trabalhar* ... comecei a trabalhar há dois anos

(SP D2 360: 374-75)

(18)

Inf. – eu acho que eles têm mais ... éh mais preparo mais ... sei lá:: *eles ... devem ... deve ser outro tipo de de de trabalho né?*

(SP DID 234: 240-41)

(19)

Inf. – porque é através desse sistema democrático que nós podemos ... obter como já disse anteriormente e repito ... toda ... uma série eNORme de *reivindicações* ... *reivindicação essa essas* que são evidentemente as mais importantes

(REC DID 131: 525-30)

4.2 Aspectos enunciativos

A formulação não é a que se pretendia, então se reformula, ao mesmo tempo em que se imprime ao enunciado um caráter de maior subjetividade. Embora não tenhamos conduzido a pesquisa sob essa perspectiva, observa-se que a subjetividade pode ser tratada quanto ao nível ilocutório, efetivando-se por modalizações epistêmicas, como se verifica em:

(20)

L1 – as mais velhas estão entrando agora na adolescência e ...

[

L2 – ()

L1 – mas são muito acomodadas ... ainda não começaram assim ... aquela fase... chamada de ... mais difícil de crítica

[

L2 – (chamada mais difícil)

L1 – né?

L2 – ahn ahn

L1 – ainda não ... *felizmente (ainda não) começaram*

(SP D2 360: 40-49)

(21)

Inf. – ... aquelas comidas assim muito típicas lá da ... da Bahia ... e são ... *eu achei gostosas*

(RJ DID 328: 191-92)

5. Operacionalização

Devemos considerar quem tem a iniciativa da correção e quem a processa, de modo que podemos ter:

- autocorreções auto-iniciadas;
- autocorreções heteroiniciadas;
- heterocorreções auto-iniciadas.

A autocorreção auto-iniciada é a processada pelo próprio falante e pode ocorrer no mesmo turno ou em turno diferente. O mais comum é que ocorra no mesmo turno e geralmente na mesma frase, porque o falante tem pressa

em corrigir-se, já que pode perder o turno e a oportunidade de reformular seu enunciado (Schegloff, 1979). "Talvez seja este um dos motivos de muitas sentenças na conversação serem truncadas, já que se prefere sacrificá-las a perder a oportunidade de reparar um equívoco" (Marcuschi, 1986, p. 32).

O exemplo (22) mostra o falante se autocorrigindo sob o aspecto lingüístico (fonético-fonológico). Já o exemplo (23) mostra claramente a autocorreção heteroiniciada:⁹

(22)
 Inf. – uma OUtra forma de:: de (se) estudar a inteligência ... seria mais uma frase de ... de:: evolução da inteligência ... FA::ses da inteligência ...
 (SP EF 377: 333-35)

(23)
 L1 – aquela sua amiga a:: Andréa que está estudan::do medicina
 L2 – não não é medicina ...
 L1 – ah é ... é enfermagem ... então ela estava me dizendo que ... a profissão exige mu::ita dedicação
 (Conversação espontânea 2)

Na heterocorreção auto-iniciada, o falante corrente inicia a correção que é efetivada pelo interlocutor. De modo geral, essa correção pode ser confirmada no terceiro turno, quando o falante que produziu a inadequação retoma a palavra, aceitando a reformulação feita pelo interlocutor:

(24)
 L1 – ah ... a professora mandou ler os contos de Rubem Braga ... não:: não é Rubem Braga este é cronista é ... é ...
 L2 – Fonseca ... Rubem Fonseca ... o autor de A Grande Arte
 L1 – esse mesmo Rubem Fonseca ... você tem razão
 (Conversação espontânea 3)

6. Marcos

Gülich e Kotschi (1987b, p. 44) dizem que os diferentes tipos de reformulação não se distinguem unicamente pela relação semântica existente entre

⁹ Não consideramos correção quando há sobreposição de vozes, porque o interlocutor fala simultaneamente com o falante, tornando impossível dizer que houve uma correção.

o enunciado-fonte e o enunciado-reformulador, mas também pelo tipo de marcador empregado para indicar essa relação:

é freqüentemente com a ajuda do marcador que o locutor cria uma relação de reformulação entre dois enunciados diferentes. Uma relação semântica — por exemplo, a da equivalência — não é dada simplesmente (pela estrutura proposicional do enunciado-fonte e do enunciado-reformulador), mas é estabelecida pelo locutor. O marcador é um traço deixado no discurso pelo trabalho conversacional do locutor.

Muitas vezes, torna-se visível a presença dos três elementos:

Enunciado-fonte	(EF)
Marcador	(MC)
Enunciado-reformulador	(ER)

Observando o diálogo a seguir,

(25)
 Doc. – que tipo de carreira ... fora essa ... seriam digamos conveniente ...
 L2 – eu acho que isso seria qual/qualquer uma () quer dizer:: o o:: lado ... de ciências mais humanah de o lado humano o ou de:: ... ciências exatas como chamava-se no MEU tem::po ((riso))
 (SP D2 360: 648-54)

vemos que, na resposta de L2 ao Documentador, há claramente a presença de três elementos: enunciado-fonte, marcador de reformulação e enunciado-reformulador:

qualquer uma	(EF)
quer dizer::	(MC)
o o:: lado ... de ciências mais humanah de o lado humano o ou de:: ... ciências exatas	(ER)

A correção é sempre acompanhada de um sinal explícito que marca seu caráter reformulador.

É possível distinguir dois tipos de marcas: as *prosódicas* e os *marcadores discursivos* que exercem, não em caráter exclusivo, a função de sinalizar correção. Embora tenhamos feito apenas um levantamento preliminar, notamos que as primeiras predominam.

6.1 Marcas prosódicas

As principais marcas prosódicas encontradas são:

Pausa	60%
Mudança na curva entonacional	30%
Velocidade da elocução	24%
Alongamento	19%
Intensidade de voz	19%

Essas manifestações, porém, muito disseminadas no texto, têm natureza multifuncional, o que dificulta a análise, visto que se articulam freqüentemente com instâncias extralingüísticas. Constituem instâncias extralingüísticas marcas não-verbais, como os gestos, o riso, o olhar, entre outras, não tratadas neste capítulo.

É muito freqüente a combinação de duas ou mais marcas: mudança de curva entonacional e velocidade da elocução, mudança na curva entonacional e marcador discursivo geralmente assinalado com intensidade de voz etc.

No exemplo (26), a linha entonacional do enunciado-reformulador (*por volta de*) é mais baixa que a do enunciado-fonte (*em volta de*), além de haver uma maior velocidade da elocução:

(26)

Inf. – ... geralmente eu almoço *em volta de* *por volta de* meio-dia e janto por volta das sete horas ... sete e meia ...

(RJ DID 328: 597-99)

Em (27) há uma ruptura na curva entonacional e o marcador *NEM* ganha relevo por altura de voz:¹⁰

¹⁰ Ver parte 2, cap. 5.

(27)

L2 – a paralisação de transportes coletivos transformou a cidade num verdadeiro caos também *TODOS os funcionários aderiam greve*
L1 – é verdade ... demorei quase duas horas para chegar na empresa
L2 – *quer dizer ... NEM todos ... a maioria dos funcionários* porque havia alguns ônibus circulando ...

(Conversa espontânea 4)

6.2 Marcadores discursivos

Os *marcadores discursivos*¹¹ constituem uma classe bastante heterogênea: *quer dizer, bom, ah, ah bom, aliás, então, logo, não, ou, ahn ahn, hein, digamos, digamos assim, ou melhor, em outras palavras, em termos, não é bem assim, perdão, desculpe, finalmente.*

Entre essas marcas, algumas parecem atuar em contextos diferentes: *não* é tipicamente de infirmação e *enfim, finalmente, quer dizer*, de retificação. Isso fez Gülich e Kotschi (1987b) dividirem os marcadores de reformulação em fortes e fracos:

- fracos*, quando a relação semântica entre os dois termos da reformulação é claramente reconhecível, de modo que um marcador fraco é suficiente para marcar a atividade reformuladora (como o marcador *quer dizer* no exemplo 28);
- fortes*, quando a relação semântica entre os dois termos da reformulação é fraca e um marcador forte pode compensá-la (como o marcador *não* no exemplo 29).

(28)

Inf. – ... a mão-de-obra ainda é a RIQUEZA do Japão ... claro ... população de cento e tanto milhões ... *TODA ELA* integrada à produção ... *TODA quer dizer* ... pelo menos na sua grande parte ...

(RJ EF 379: 280-83)

(29)

Doc. – não é tacacá ... *não* ... uma outra erva

(RJ DID 328: 154)

¹¹ Ver parte 4, cap. 12.

Afirmam ainda que os diferentes tipos de reformulação se distinguem, em princípio, pelo emprego de marcadores diferentes, isto é, *quer dizer* seria um marcador típico de paráfrase, enquanto *não*, de correção etc. Esse fato nem sempre se confirmou em nossas análises, pois no *corpus* encontramos *quer dizer* para correção (exemplo 28). Já quanto a *não*, parece confirmar-se que se trata de marcador de correção (exemplo 29), porque ele indica explicitamente que é preciso anular o elemento precedente.

7. Funções interacionais da correção

As correções desempenham diferentes funções interacionais, no que diz respeito à busca de cooperação, intercompreensão, estabelecimento de relações de envolvimento entre os interlocutores, bem como à orientação do foco de atenção para pontos específicos do que está sendo dito.

7.1 Cooperação

Observem-se, a esse respeito, os exemplos a seguir, que constituem casos de autocorreção heterocondicionada:

- (30)
 L2 – às vezes a dificuldade que se encontra porque tem muitos: ... executivos ... de idade ... mais ou menos razoável dentro do que eles querem porque ...
 L1 – *a mínima* ...
 []
 L2 – funciona realmente aquele negócio de ...
 []
 L1 – requerida ...
 L2 – aquele negócio de limite de idade funciona (muito) ...
 []
 L1 – quarenta anos ...
 L2 – *não normalmente é no máximo*
 []
 L1 – *no máximo*
 L2 – *né?*
 L1 – *no máximo*

L2 – *é: no máximo* ... existe para alguns

(SP D2 360: 975-88)

(31)

L2 – chega a ponto de até às vezes escrever PARA a faculdade ... pedindo os melho/os nomes dos melhores alunos ... dos últimos anos ... para poder eh poder *procurar*

[]
localizar

L1 –

L2 – *para poder localizar* ...

(SP D2 360: 942-46)

Nesses exemplos, verifica-se que, ao corrigir seu interlocutor, o falante encontra uma possibilidade de participar da conversação, cooperando para o seu desenvolvimento, já que a correção apresenta um caráter de retomada, evidenciando não só envolvimento entre os interlocutores, mas também atenção, interesse pela fala do outro, mesmo que haja discordância.

7.2 Orientação de foco

Ressalte-se também que, por meio da correção, o falante pode orientar o foco de atenção para elementos específicos, como:

- a) *o tópico discursivo*¹² — quando se esclarece o interlocutor sobre um determinado aspecto informacional da mensagem.

(32)

Inf. – eu ia dizendo é o seguinte ... que não é à toa que *a atual indústria naval japonesa ... atual e já no início do século vinte* ... ela havia tido uma das maiores motivações ... quais sejam ...

(RJ EF 379: 67-69)

Em (32), quando o locutor faz uma pausa e reformula seu enunciado, tem por objetivo a adequação do conteúdo tópico, visando à precisão referencial, uma vez que não se trata da *atual indústria naval*, mas sim da *indústria naval do início do século até a atualidade*. Nesse exemplo, o locutor

¹² Ver parte 2, cap. 3.

busca levar seus interlocutores, já que se trata de uma aula, a compreender com exatidão suas informações.

- b) *os interlocutores e as relações entre eles* — quando se tem em vista a posição social, devido à adequação às normas lingüísticas e sociolingüísticas (exemplo 33), ou à preservação da auto-imagem pública (exemplo 34). Podem ocorrer casos em que as correções se efetivam para evidenciar as opiniões dos interlocutores (exemplos 20 e 21).

(33)

Inf. — ao secretário evidentemente ... levar: ao senhor presidente ... todas aquelas questões ... *que diz que dizem* respeito ... aos associados

(REC DID 131: 229-31)

Nesse exemplo, o falante busca, pela correção, evidenciar sua posição social, adequando sua fala ao registro sociolingüístico do “bem falar”.

(34)

L2 — toda a parte eh praticamente toda a parte jurídica do Estado é feita ... *não espera aí ((risos)) já estou exagerando não é toda a parte jurídica ... do Estado ... mas todos:: ... mas a grande parte jurídica do Estado ... como a de ... to/todo o ser/ todo serviço de advocacia do Estado ... é feita por procuradores do Estado*

(SP D2 360: 806-11)

Nesse caso, registra-se uma ocorrência de manutenção da face. L2 auto-corrige-se, buscando adequar a informação referente à parte jurídica do Estado, já que sua interlocutora tem condições de averiguar a exatidão dessa informação por ser casada com um procurador do Estado, podendo, inclusive, invalidar a informação dada por L2, pondo em risco sua face.

8. Considerações finais

No que concerne à ocorrência de correções no texto falado, observou-se que há uma forte tendência a que os falantes reciclem o que disseram e se expressem de um modo diferente.

Pode-se dizer que as correções são produto de um planejamento local, específico da oralidade, mas não são ocasionais nem ocorrem de forma aleatória,

já que o falante procura uma palavra ou estrutura nova e/ou mais satisfatória que permita a intercompreensão.

Assim, é possível afirmar que as correções correspondem a um processo altamente interativo e colaborativo. Colocam-se como um dispositivo dinâmico, em potencial da língua falada; entretanto, é possível deixar passar um evento sem que se corrija o interlocutor. As razões da não-efetivação de heterocorreções podem ser várias, destacando-se, entre elas, a tentativa de preservação da face do outro. Caso ocorram, o grau de monitoração da correção varia de acordo com a situação comunicativa e com fatores pessoais.